

A FILHA DO REICH

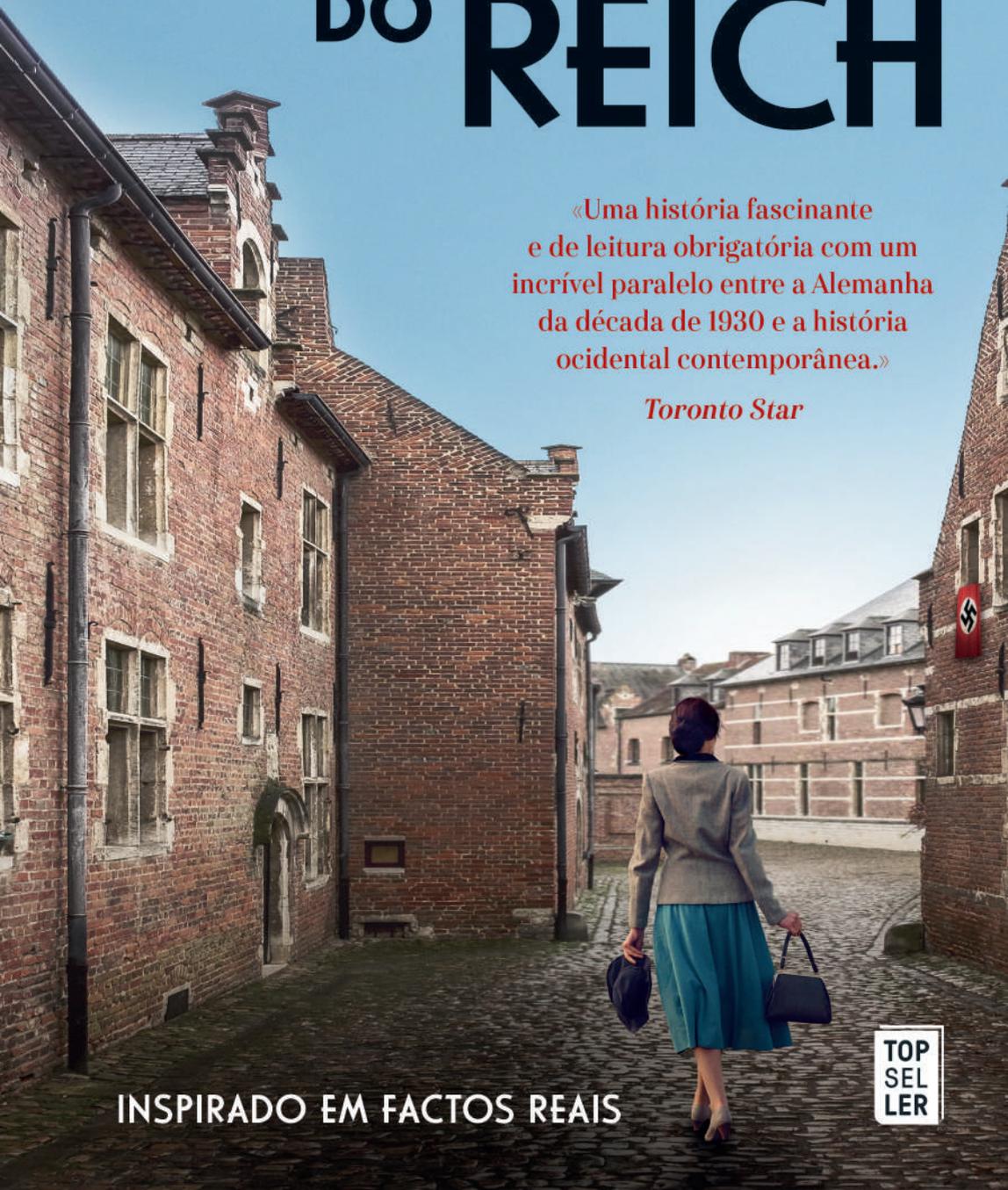
LOUISE
FEIN

«Uma história fascinante
e de leitura obrigatória com um
incrível paralelo entre a Alemanha
da década de 1930 e a história
ocidental contemporânea.»

Toronto Star

INSPIRADO EM FACTOS REAIS

TOP
SEL
LER



*Aos meus extraordinários pais,
que estão sempre comigo.*

«Aqueles que não aprendem com a História
estão condenados a repeti-la.»

WINSTON CHURCHILL



PRÓLOGO



Leipzig

VERÃO DE 1929

O lago parece sedoso de tão liso, com a água a marulhar ao de leve à volta das estacas do molhe. As pranchas de madeira cheias de nós sob os meus pés são grossas e estão aquecidas pelo sol. O Karl ainda está na praia, a vestir os calções de banho, enquanto a Mutti segura na toalha para o tapar.

— Tem cuidado, Hetty — grita o meu irmão. — A água aí é mais funda.

— Estou só a olhar — respondo. — Queria ver os peixes grandes.

Acerco-me da pontinha e enrolo os dedos dos pés no rebordo, antes de me pôr de cócoras para observar a água de mais perto. Não consigo ver o fundo do lago. Se calhar nem existe. É possível que a água verde-escura se prolongue cada vez mais para baixo, até ao centro da Terra, onde há monstros selvagens ocultos, à espera.

O Walter aproxima-se do molhe a nadar. Abre muito os braços e depois bate com eles e flutua de costas, com os dedinhos pálidos dos pés a vogarem na água. Vem ter comigo, a sorrir-me, e afasta os cabelos molhados do rosto. Quem me dera ter aulas de natação, como o Karl; assim podia aprender a deslizar como um peixe, em vez de ficar a chapinhar na parte mais baixa, a cortar os pés nas pedras e a escorregar nos limos.

Do meu poleiro, vejo o Walter a nadar para mais longe. Ele desaparece de vista, tapado por um dos pilares de madeira do molhe. Desvio-me um bocadinho para o tentar ver, mas inclino-me demasiado e perco o equilíbrio. Estico as mãos, tentando agarrar-me ao vazio, mas começo a cair, a cair, a cair...

Bato de chapa no lago, que é duro como pedra. Inspiro fundo com o choque, mas, em vez de ar, só há água rançosa.

— Socorro! — grito, esbracejando desesperadamente, cega pelos clarões de luz à tona e pela escuridão dentro de água. — SOCORRO!

— Agora mais alto, mas a água queima-me por dentro, parece que ferve, fechando-se sobre a minha cabeça enquanto os monstros me puxam para o seu covil verde nas profundezas.

Desato a bater as pernas e os braços, tomada pelo pânico, esforçando-me por voltar à superfície. Consigo inspirar uma vez. Há vozes ao longe. Ponho-me a estrebuchar feita louca, mas isso não me ajuda a vir ao de cima, apenas me afunda, a rodopiar, embrulhada em mim mesma. As vozes desvanecem-se à medida que sou arrastada outra vez para o fundo, tentando gritar a plenos pulmões, mas a água — nojenta, turva e pesada — acaba por enchê-los, e começo a afogar-me.

Sou envolvida pelas trevas.

Há algo que se prende à minha roupa e me arranha as costas. Um puxão que me traz de volta à superfície. Alguém me agarrou. Eu tusso e vomito sob a luz ofuscante do Sol, até me sentir a cuspir as entranhas. O ar enche-me os pulmões sufocados e a água esguicha-me do nariz. A pessoa que me agarrou está a debater-se, a tentar nadar pelos dois, a arfar e a gemer com o esforço. As mãos viram-me de costas, e sinto um corpo forte por baixo de mim, a suster-me a cabeça fora de água.

— Não te mexas. Já estás a salvo. — Uma voz ao meu ouvido. A voz do Walter. — Vou levar-te até à margem. — Agarra-me pelo queixo e dá umas braçadas.

Tento ficar quieta, mas a água enfia-se-me nos ouvidos; contorço-me enquanto ele nada de costas só com um braço, a bufar com o esforço de me manter à tona até chegarmos a um sítio com pé. Ouço vagamente gritos e imprecações vindas de perto. O corpo do Walter é robusto e reconfortante. Ele começa a esgueirar-se de debaixo de mim, mas agarro-me assustada a ele, com as nossas pernas a enterrarem-se no lodo.

— Está tudo bem, já te podes levantar — diz ele, ajudando-me a pôr-me direita.

A lama enfia-se-me entre os dedos enquanto eu me tento pôr de pé, mas todo o meu corpo treme e as pernas falham-me. O Walter ampara-me e eu encosto-me a ele. Dói-me a garganta de tanto tossir. Escorre-me água do nariz.

A Mutti atravessa a água rasa a correr. Fica com a saia encharcada, mas parece não se importar. Pega-me ao colo, abraça-me com força e

leva-me aos tropeções até à margem, onde me embrulha numa toalha quente.

— Hetty! Estás bem? — O Karl surge ao meu lado, a bater-me nas costas, a perscrutar-me o rosto. — Eu disse-te para teres cuidado!

— Oh, minha querida. — A Mutti deixa-se cair de joelhos comigo ainda nos braços. Embala-me como se eu fosse um bebé, e não uma menina de 7 anos. Tenho o ouvido encostado ao peito dela e consigo ouvi-la respirar pela garganta, ofegante e em pânico.

O Walter está de pé, a dois passos, a observar-nos, calado e a pingar. A Mutti vira-se para ele.

— Salvaste-lhe a vida, Walter. Graças a Deus que nadas tão bem. Se não tivesses chegado depressa... — Ela começa a chorar.

— Não custou nada — diz o Walter, apressando-se a desviar os olhos.

— Vou contar à tua mãe que foste um verdadeiro herói.

— Não é preciso. A sério. — Ele agarra na toalha e começa a secar-se.

A Mutti enxuga os olhos e ajuda-me a vestir. Tenho a garganta e o nariz irritados, como se tivesse engolido cimento.

— Se calhar a Hetty devia ter aulas de nataçãõ — diz o Karl, interrompendo o silêncio.

A Mutti funga e acena com a cabeça.

Tenta arranjar o que fazer para se acalmar, estendendo as mantas e abrindo o cesto de piquenique. Eu consegui parar de tremer, e resolvo comer umas *pfannkuchen* com geleia de framboesas e beber um copo de leite.

Ganho finalmente coragem de olhar para o Walter. O cabelo louro ondulado está meio seco, meio húmido. Está a falar com o Karl, mas de repente vira-se e olha para mim com a cara a abrir-se num grande sorriso.

Tem os olhos do mais meigo azul.

Umás horas depois, nessa noite, a Mutti aconchega-me na minha cama estreitinha, encostada à parede do quarto que partilho com o Karl.

— Boa noite, minha querida. — Beija-me a testa e afaga-me o cabelo. — Tu estás mesmo bem, não estás?

— Sim, Mutti.

— Ainda bem.

A Mutti sorri e faz-me outra carícia, antes de apagar a luz e fechar a porta devagarinho atrás dela.

Fico de olhos abertos. Distingo na penumbra a forma mastodônica do roupeiro de encontro à parede e a cama vazia do Karl junto ao parapeito. Quando ele está no quarto, as sombras ameaçadoras não me conseguem fazer mal. De cada vez que as pálpebras me descaem, dou por mim de novo no lago, com a água a puxar-me para as profundezas sombrias, a entupir-me os pulmões. O coração martela-me descompasado, e abro os olhos. *Não adormeças. Não adormeças. Não adormeças.*

A porta range. Mais cedo do que eu esperava.

— Karl?

— Hetty? Ainda estás acordada?

— Não consigo dormir.

— Bem me parecia. Olha, tenho uma coisa para ti. Vais sentir-te melhor. Estava a guardá-la para o teu dia de anos, mas posso dar-ta agora. Depois logo arranjo outro presente. — Ele acende a luz e eu pisco os olhos com a claridade repentina.

O Karl vasculha debaixo da cama e sai de lá com um saco retangular de papel pardo.

— Toma — diz, pousando-o em cima dos cobertores enquanto eu me levanto. Senta-se à beirinha da minha cama. Tem as bochechas rosadas e a testa franzida por baixo da franja. — Quem me dera ter sido eu a salvar-te, Ratinha, mas estava demasiado longe.

Sei que está a falar a sério, porque, quando ele me fita nos olhos, consigo ver-lhe a alma. Ficou com as pupilas muito dilatadas e pretas da preocupação, e percebo que está a chorar por dentro, como eu. Faço um aceno de cabeça, para ele saber que o compreendo.

— Pelo menos o Walter estava por perto. E é o teu melhor amigo. — Olho para o saco de papel volumoso nas minhas mãos.

— Abre — pede ele.

O saco de papel crepita quando o abro. Enfio a mão no interior e roço com as pontas dos dedos na capa de um livro. É um diário encadernado, como os que alguns adultos usam. A capa está forrada com uma série de retalhos de várias formas em diferentes tons de castanho, laranja e azul. O papel no interior é branco-marfim.

— É lindo — murmuro. — Obrigada, Karl.

— Há mais outra coisa. — O Karl sorri. No fundo do saco há uma caneta de tinta permanente prateada e azul. — Pensei que podias escrever aí todos os teus segredos. Ou as histórias que inventas com essa tua imaginação prodigiosa — diz o Karl, perscrutando-me o rosto.

— Vou tentar escrever as melhores histórias que conseguir. Mas se calhar é melhor não haver nenhuma com afogamentos... — Esboço-lhe um sorriso. Quero que ele saiba que está tudo bem.

Ao voltar a pousar a cabeça na almofada, eu própria tenho a certeza de que está tudo bem, mas que algo mudou.

Estive quase a afogar-me e o Walter salvou-me.

Isso muda tudo.



PRIMEIRA PARTE



7 DE AGOSTO DE 1933

— **M***etamorfose!* — exclama o professor Kreitz. Acena com as páginas de um livro no ar num gesto grandiloquente. — Alguém me sabe dizer o que significa essa palavra? — Debruça-se sobre a mesa, com as mangas da camisa arregaçadas pelos cotovelos.

Nenhum de nós solta um pio, sentados nas secretárias de madeira da minha nova sala de aulas no liceu.

Para mim, acabou-se a confusão da *Volksschule*. O recreio exíguo de cimento cheio de pó e as crianças briguentas são uma recordação longínqua de antes das férias de verão. O liceu é todo ele arcos ogivais e corredores cheios de eco. No centro há um salão gigantesco com o pé-direito muito alto e grandes vigas no teto a sustentar o impressionante telhado vermelho amansardado. Aqui, os professores são mais altos, mais inteligentes, mais severos. Até posso ter tido melhores notas do que o Karl no exame há três anos, quando ele os fez com a mesma idade que eu, 11 anos, mas agora que aqui entrei já não me sinto assim tão esperta.

— Transformação? — sugere alguém a medo lá do fundo, rompendo o silêncio.

Viro-me para trás e vejo uma pequena rapariga com o cabelo preto frisado, um pouco ao estilo do meu.

— Nome, por favor? — pergunta o professor Kreitz, com a cabeça esticada, os olhos protuberantes, fazendo-me lembrar um sapo.

— Freda Federmann — responde a rapariga num tom confiante.

— Magnífico! Sim, Freda — exclama o professor Kreitz, entusiasmado. — Transformação. Renascimento. Conversão. Do grego *Metamorphoun*, que significa «transformar». — Põe-se a andar de um lado para o outro. — Se estudarmos os gregos e os romanos, aprenderemos tudo o que é necessário acerca da condição humana.

— Ali a Freda Federmann é *judia*... — ouço alguém segredar à colega do lado na fila atrás de mim. Foi suficientemente alto para o professor ouvir, mas ele não faz caso. Tira um livro da mesa enquanto deambula.

O professor tem os ombros estreitos e é barrigudo. Tem a fralda da camisa a sair das calças e a gravata torta. É bastante evidente que a escola, famosa pela solidez do seu ensino, o contratou por causa da sabedoria e inteligência, e não pela aparência.

— Franz Kafka — diz ele, olhando intensamente para o teto, como se estivesse a ver o autor empoleirado nas traves. — Que homem tão brilhante e divertido. Ouçam.

Folheia vigorosamente o livro, com o cabelo a agitar-se-lhe como um louco. Começa a ler, percorrendo a sala lentamente num círculo. Contamos, num tom hipnotizante, a história de Gregor, o caixeiro-viajante que acorda uma bela manhã e dá por si transformado numa criatura gigante com forma de inseto.

A luz infiltra-se pelas grandes janelas retangulares que sobem pelas paredes da sala até ao cimo. Adolf Hitler observa-nos com um ar sereno do retrato que encima o quadro de ardósia. A voz do professor Kreitz tão depressa soa num sussurro como num brado; ora esmorece, ora tropeja. Quando olho para o retrato, a cara de Hitler parece crescer e mover-se. Fita-me sem pestanejar, mas tenho a certeza de que os seus lábios se mexeram, contorcendo-se num trejeito, como se a qualquer instante pudesse sorrir e descer da parede, dizendo: «Ah! Ah! Ah! Que bela piada. Estive aqui este tempo todo escondido.»

É claro que não faz nada disso, e eu acabo por desviar os olhos. O Karl diz que tenho uma imaginação demasiado fértil. Fico assustada quando me interrogo se ele terá razão.

O professor Kreitz continua a ler. Evito olhar para o retrato de Hitler, concentrando-me antes no perfil da rapariga sentada ao meu lado. Alta e elegante, tem uns longos cabelos ruivos que lhe pendem em duas tranças, uma de cada lado dos ombros. O rosto esbranquiçado é tão perfeito que podia ter sido esculpido do mais fino mármore. Tem o queixo orgulhosamente erguido enquanto segue o périplo do professor Kreitz pela sala. Porém, ao sentir-se observada, vira-se repentinamente e fita-me com os olhos verdes muito arregalados.

— Olá — sussurra. — Chamo-me Erna Bäcker. — Um sorriso aflora-lhe aos lábios.

— Hetty Heinrich — respondo, cheia de vergonha do meu cabelo frisado escuro, dos olhos demasiado grandes e das bochechas rechonchudas.

A Erna Bäcker é a criatura mais fascinante que alguma vez vi na vida.

Batem à porta da sala e o professor Kreitz interrompe bruscamente a leitura.

— Herr Hoffmann... — diz ele ao homem alto e magro que entra na sala, envergando um colete e um laço.

— *Heil* Hitler — cumprimenta-nos o Herr Hoffmann.

— *Heil* Hitler — respondemos todas a uma só voz.

— Senhor diretor — o professor Kreitz pigarreja —, fico encantado com a sua visita.

O diretor da escola avança para a frente da turma.

— Bem-vindas ao nosso magnífico liceu — diz, com um sorriso dirigido às alunas. — Tenho a certeza de que se esforçaram todas muito para chegar até aqui, mas isto é apenas o início. Ao frequentar a nossa escola, se se empenharem num trabalho árduo e num comportamento exemplar, poderão vir a atingir a excelência. Isto não é válido apenas para os rapazes, mas também para vocês, meninas. A seu tempo, tornar-se-ão elementos valiosos do nosso grandioso novo Reich. Estou certo de que serão o orgulho dos vossos pais e da vossa escola. Desejo-vos a maior sorte a todas.

Retribuo-lhe o sorriso. O meu sonho é poder vir a tornar-me médica, de preferência mundialmente famosa. Sinto que estar aqui, nesta escola magnífica, é o primeiro passo para alcançar as minhas ambições. Farei por dar o meu melhor em todas as aulas. Sempre.

O Herr Hoffmann vira-se para o professor Kreitz.

— O que estão a estudar, hoje de manhã?

O professor mostra-lhe a capa de *Metamorfose* em silêncio.

A cara do Herr Hoffmann é perpassada por um trejeito de horror.

— Professor Kreitz, terá perdido por completo o juízo?

O professor encolhe os ombros.

— É um texto muito bem escrito, Herr Hoffmann. Perfeito como introdução aos temas que iremos abordar durante o ano letivo: o simbolismo, a metáfora, o absurdo da vida...

— Falaremos depois sobre o assunto — interrompe de chofre o diretor. — Entretanto, como bem sabe, essa obra não é adequada. Queira garantir que para a próxima escolherá um legítimo autor *germânico*. Bom dia, crianças. — Sai de rompante da sala, batendo a porta atrás de si.

O professor Kreitz parece tão mais pequeno. A mão treme-lhe enquanto se dirige à secretária, arrumando o livro *Metamorfose* na pasta. Humedece os lábios e olha para nós com um ar aturdido, como se não soubesse o que fazer. Um burburinho espalha-se pela turma e ele não faz a mais pequena tenção de o impedir.

Lembra-me outra vez um sapo, mas, agora, um sapo esborrachado e ressequido no meio da estrada.

Deparo com o Tomas à minha espera quando saio da escola. Magro e com as pernas muito compridas, está despreocupadamente encostado ao tronco de uma árvore na Nordplatz. Antes que eu me possa escapulir, avista-me e vem ter comigo a correr, estacando com um sorriso tímido.

— Então, que tal? — pergunta, olhando por cima do ombro para a escola.

Seguimos um pouco atrás de um grupo espalhafatoso de alunas mais velhas que desembocam na praça relvada que leva a Gohlis.

— É uma escola como as outras... só que mais exigente e difícil.

O Tomas faz um ar melancólico. Não teria a mais pequena dificuldade em entrar, desde que os pais pudessem pagar as propinas. É muito inteligente e passaria sem dúvida no exame.

— É estranho já não morares no nosso quarteirão — comenta o Tomas. — Parece... mais vazio — acrescenta, depois de uma breve hesitação.

— Não me mudei para muito longe.

— Pois, eu sei... — Ele tem a respiração ofegante, pelo que paramos os dois alguns instantes antes de atravessar a Kirchplatz. — Que tal é a nova casa, a propósito?

— Logo vês — respondo, rindo-me. — Nem vais acreditar, depois daquele apartamento minúsculo... Anda daí! — Desato a correr, com o entusiasmo a fervilhar no meu íntimo.

A nossa grande casa nova na Fritzschestrasse tem um telhado pontiagudo e duas chaminés espetadas como dedos em direção ao céu. Há quatro fiadas de janelas, umas sobre as outras. Temos quase um andar para cada pessoa!

— É a maior casa da rua — diz o Tomas, olhando embasbacado para o bonito prédio de tijolos cor de areia com as vigas e as ombreiras pintadas de preto. Tem o cabelo dourado em desalinho, e, por trás das lentes sujas dos óculos de tartaruga, vejo-lhe os olhos arregalados como um inseto. Franze o nariz, aparentemente a medir a vastidão da casa.

Eu empertigo-me muito, orgulhosa.

— Também tem um jardim nas traseiras?

— É claro que tem! Olha, aquele é o meu quarto.

Aponto para a janela da varanda que dá para a rua, no primeiro andar. Há uma belíssima cerejeira muito antiga a crescer precisamente por baixo. Os ramos descrevem um arco por cima do gradeamento de ferro, de um lado, projetando ainda um pouco de sombra no passeio, e, do outro, esticam-se por baixo da varanda. Do meu banquinho à janela, consigo ver o cruzamento com a Berggartenstrasse e quase toda a Fritzschestrasse, até à curva junto a casa do Walter. Posso vê-lo a entrar e a sair, se quiser.

— Deve ser magnífica por dentro. — O Tomas encosta a cabeça às grades da vedação de ferro. — Aposto que tem duas escadarias. E uma cave. Se calhar até tem umas masmorras escondidas ainda com os ossos dos prisioneiros!

— Não sejas idiota.

— Achas que posso entrar? — indaga o Tomas.

Olho para ele de esguelha. Embora se tenham passado poucas semanas, parece que foi numa outra vida que eu e ele brincámos os dois na rua por trás do apartamento em que vivíamos. Foi uma velha Hetty quem jogou à bola com ele ou escorregou pela ribanceira para ver os comboios a entrar e a sair da estação por entre uma nuvem de fumo.

— Hoje não — ouço-me a mim própria a retorquir. — Desculpa. Talvez noutra altura.

Avanço a passos decididos para o portão de ferro forjado, que se abre com um rangido, antes de o tornar a fechar com um baque sonoro, deixando o Tomas trancado no exterior.

Lá dentro, no átrio cheio de ecos, com o soalho de madeira corrida, pouso a minha sacola no chão e lembro-me do dia em que nos mudámos para ali, em junho.

«Vou precisar de uma cozinheira e de uma empregada interna», disse na altura a Mutti, de pé ali naquele preciso lugar, a olhar espantada à volta. Parece que ainda lhe sinto o aroma floral do perfume *Vol de Nuit*. «Não vou conseguir dar conta desta casa sem ajuda», acrescentou, levando a mão ao peito.

O Vati, muito descontraído, informalmente vestido com calças largas e com o colarinho da camisa aberto, remexeu-me no cabelo, ao mesmo tempo que respondia:

«É a residência mais apetecível de toda a Leipzig. Ou uma delas, pelo menos.»

«Adoro», lembro-me de ter dito, a sorrir para o meu pai, que tinha um ar cansado, cheio de olheiras.

«Quem diria, hein, *Schnuffel*? Nem nos nossos maiores sonhos», disse ele, pegando numa caixa e abrindo uma porta a meio do corredor. «O meu escritório!», afirmou num tom satisfeito, antes de desaparecer no interior.

«Posso escolher o meu quarto?», perguntou o Karl, já com os olhos a brilhar perante a ideia de ter um quarto só para si.

«Porque não?», respondeu a Mutti.

Eu resolvi segui-la enquanto ela admirava as mobílias e as obras de arte que os anteriores ocupantes tinham deixado na casa.

Ser-me-ia impossível esquecer a primeira vez que vi a sala de jantar dourada e vermelha; a luminosidade da sala de estar, com o sol a incidir na alcatifa e no piano de cauda; a saleta azul-clara com um gramofone a um canto; a abóbada de vidro do jardim de inverno, com as suas cadeiras de verga e plantas tropicais. Ou o átrio de entrada, onde teria cabido inteirinho o nosso antigo apartamento, sobrando-lhe se calhar ainda um pouco de espaço em redor.

Agora, o peito infla-se-me de alegria como um balão enquanto atravesso a casa a correr, com os meus passos a reverberarem no corredor, passando a cozinha enorme e os lavabos, para emergir sob a luz gloriosa de verão do nosso jardim triangular, com a relva no meio, os canteiros de flores de lado e o grande carvalho ao fundo. Aqui não há nenhuma linha

férrea, como havia nas traseiras do apartamento, mas se há coisa de que não terei saudades é dos comboios que me chocalhavam a cama, a matraquear e a chiar em direção a sabe-se lá onde a meio da noite.

Dirijo-me para o fundo do jardim e contemplo as folhas sarapintadas e os ramos do velho carvalho. Apesar de termos deixado de ir à missa — o Vati diz que nos distraía da nossa causa maior, e que o Herr Himmler não apreciava muito —, tenho a certeza de que Deus me está a sorrir lá do alto. Sou tão especial que Ele me ofereceu uma casa na árvore. Uma casa verdadeira, como deve ser, com telhado e paredes. Tem uma escada de corda pendurada de uma abertura no chão de madeira.

Mal posso esperar que o Tomas veja isto. Vai ficar roído de inveja. Desato a rir só de imaginar a cara dele.

17 DE SETEMBRO DE 1933

Fico de atalaia à Fritzschestrasse, confortavelmente aninhada nas almofadas do meu banquinho à janela. Se tiver sorte, pode ser que o Walter apareça, com as mãos nos bolsos dos calções, a arrastar os sapatos de modo indolente, à procura do Karl. A rua, contudo, permanece resolutamente deserta. Por entre os ramos da cerejeira, avisto um casal de idosos a sair de uma das elegantes casas brancas do outro lado da rua. Levam um cão preto peludo com eles. O cão tem a língua espetada — parece estar a sorrir. Não tínhamos espaço para um cão no apartamento, mas a Mutti já não pode dizer o mesmo agora. Por isso, vou à procura dela.

A Bertha está na cozinha, a esfregar as mãos cheias de farinha no avental.

— A sua mãe estava com dor de cabeça — explica. — Foi deitar-se.

— Como é que alguém consegue ir para a cama assim a meio do dia?

— Ah, pois eu não me importava nada — diz a Bertha, fungando e estendendo um pedaço de massa. — Posso ajudá-la em alguma coisa?

— Lembrei-me de que devíamos arranjar um cão. Uma casa tão grande precisa de um cão.

— Estou a ver. Mas acho que isso pode esperar que a sua mãe se levante. Além disso, é possível que ela não queira um cão.

Para de estender a massa e põe-se a sová-la afincadamente. Veem-se-lhe os músculos dos antebraços por baixo da pele esbranquiçada da farinha.

— Achas que a posso acordar?

— Não, Fräulein Herta. Acho que é melhor não.

Solto um suspiro e acabo por ir lá para fora. O casal de idosos continua a arrastar-se ao fundo da rua. Vou ter com eles.

— Bom dia. Posso fazer uma festinha ao cão? Chamo-me Hetty. Vivo naquela casa grande em frente à vossa.

O velhote enverga um fato castanho com gravata e tem um chapéu de feltro encavalitado na cabeça. A mulher, minúscula e frágil, traz um casaquinho leve sobre os ombros, apesar do calor. Vira os olhos amedrontados para o marido.

Ele aclara a garganta e diz-lhe baixinho:

— É só uma criança, Ruth. — Depois, dirige-se a mim: — É claro que podes. Ele chama-se *Flocke*, e eu sou o Herr Goldschmidt.

O *Flocke* abana a cauda com tanta força que o corpo também se agita todo para um lado e para o outro.

— Oh, que coisa mais linda... — Agacho-me e dou uma risadinha enquanto ele me põe as patas nos joelhos e me tenta lambe as orelhas. — Se calhar podia ir passeá-lo ao parque por vocês, de vez em quando. — Olho para os Goldschmidts. Eles são muito velhos, e é natural que o *Flocke* queira correr. — Tenho imenso jeito com cães. Não o vou perder nem nada. — Levanto-me, com um ar responsável.

É a Frau Goldschmidt quem me responde.

— Não podes levar o cão — diz num tom severo e amargo, como se tivesse acabado de chupar uma dúzia de limões. — Não vou permitir tal coisa, depois do que fizeram.

Dou um passo atrás. Talvez ela não goste de crianças.

— Vá lá, Ruth. Não é preciso reagires assim. Deixa lá. — O Herr Goldschmidt puxa pelo braço da mulher, mas ela não se mexe, estreitando os olhos negros como se fosse uma serpente.

— O teu pai expulsou-os daqui — sibila. — Com aquelas suas acusações falsas. A campanha negra lá no seu jornaleco. Um crime! Tudo mentiras e calúnias...

— Ruth! Por favor! — O Herr Goldschmidt sacode-lhe o braço, mas ela está imparável, a tremer e a cuspir-me impropérios.

— Os Druckers eram boas pessoas. Gente de sucesso. Mas isso dá origem a invejas, não é? À cobiça de pessoas mesquinhas. E agora ali está ele, sentado como um lorde na sua casa roubada!

— *Ruth!* — A voz do Herr Goldschmidt soa cortante e aflita. Vira-se novamente para mim. — Peço imensa desculpa pelas palavras da minha mulher. Ela hoje não está em si...

Mas, entretanto — certa de que a velha é uma bruxa —, já estou a correr para longe, antes que ela me possa aspergir com o seu veneno. Detenho-me apenas quando estou a salvo para lá do gradeamento de ferro, com o coração a galopar-me no peito como um cavalo de corrida.

Há um carro estacionado lá fora, na rua, e encontro uma jovem de pé no átrio da casa, envolta como uma *bockwurst* rechonchuda num fato castanho apertado. Tem as bochechas gordinhas, um nariz empinado e os lábios mais grossos que já vi. O cabelo é da cor de papel pardo, com umas tranças holandesas tão repuxadas no cimo da cabeça que a pele junto às orelhas está vermelha. Lança-me um olhar de surpresa.

— Olá — diz num tom simpático. — Sou a Fräulein Müller. Tu deves ser a Herta, não?

O Vati sai do escritório, colossal como um urso e com o seu uniforme empertigado da *Schutztaffel*. Entrega duas pequenas pastas com documentos à Fräulein Müller.

— Olá, *Schnuffel*. Receio que tenha de vos deixar durante uns dias. Preciso de ir a Berlim, tratar de uns assuntos das SS. — Dá-me um abraço, apertando-me a cabeça contra o peito. A fivela do seu cinturão de cabedal pressiona-me a bochecha. — Onde se meteu a tua mãe? Hélène! Hélène! — A voz reverbera-lhe na caixa torácica.

— O que foi, Franz? — A Mutti surge vinda do jardim das traseiras, com um chapéu de palha de abas largas e um vestido esvoaçante, empunhando um molho de flores no braço esquerdo e a tesoura de poda na mão direita. O Karl chega também atrás dela. — O que estás a fazer em casa tão cedo? — pergunta a minha mãe com um ar surpreendido.

— Ah, cá estás tu. Hélène, esta é a Hilda Müller, a minha nova secretária. — A jovem sorri, acenando para a Mutti. — Olha, tenho de ir a Berlim. É urgente; houve outra vez sarilhos com os comunistas. — Ele suspira, agastado. — O pior é que também preciso de acabar de escrever o meu editorial semanal para o *Leipziger*, já que tenho de o entregar até à noite. A Fräulein Müller vai acompanhar-me para me ajudar com isso. — Cala-se repentinamente e esfrega a cara com as mãos, massajando os olhos com as pontas dos dedos. O pobre Vati anda exausto, porque agora tem dois empregos.

— Vais ficar em casa da Oma Annamaria? — pergunta o Karl.

— Só se não tiver outra hipótese — responde irrefletidamente o Vati. — Enfim — acrescenta —, o que queria dizer é que hei de visitar a minha mãe, se tiver tempo, mas temo que vá estar demasiado ocupado. — Vira-se para a Mutti. — Depois telefono, logo à noite — diz, pegando-lhe nas mãos e depositando-lhe um beijo na testa. — Adeus, *Schnuffel* — despede-se de mim. — Sê boazinha com a tua mãe.

— Sim, Vati. — Observo-lhe o rosto, emoldurado pelo cabelo louro penteado com gel para trás, à procura de um lampejo de afeto nos seus olhos claros e à espera de que ele não veja senão bondade nos meus, mas o meu pai limita-se a olhar para o relógio.

— Temos de ir embora. — Vira-se para o Karl. — Ficas responsável por tudo, meu rapaz. Toma bem conta da tua irmã e da vossa mãe.

Ficamos à porta a ver o Vati e a Fräulein Müller a subirem para o carro preto lustroso que os aguarda. A saia da mulher é tão justa que lhe trepa pelas pernas quando entra. Tem o rabo muito redondo e roliço, e meneia-o como um ganso.

— Mutti? — digo, depois de eles arrancarem. — Ali os vizinhos da frente, os Goldschmidts, disseram que o Vati roubou a nossa casa. Mas é impossível roubar uma casa, não é?

A Mutti vira-se e fita-me muito séria.

— Disseram o quê? Mas porque é que estiveste a falar com eles?

— Eles tinham um cãozinho. Só lhe queria fazer uma festa. Achas que posso ter um cão, agora que moramos aqui?

— Não tens nada que falar com essa gente.

— Só queria fazer uma festinha ao cão.

— Sim, mas eles são *judeus*, Hetty.

A palavra provoca-me um arrepio na espinha. Como queriam que adivinhasse?

— São todos uns porcos, esses judeus! — exclama o Karl, com um esgar.

— Parece que não têm mais nada que fazer na vida senão inventar mentiras desprezíveis — acrescenta a Mutti num tom firme. Vejo-a a pôr as flores numa jarra e a enchê-la de água. — Já me deixaram indisposta. É muito importante que não voltes a falar com eles. Vivemos tempos difíceis. É por isso que o Vati tem de trabalhar tanto nas SS, além de dirigir o jornal. É preciso defender Hitler e banir todos os

partidos que se lhe opõem. Escolhe com cuidado os teus amigos, Hetty. É melhor ficares-te pelos bons alemães, como nós. Percebeste?

— Sim, Mutti.

Sigo-a lá para fora, já que não me apetece ficar sozinha. Olho em volta para os arbustos e para as flores na orla do jardim. Tem tudo um ar tranquilo e amistoso, mas sinto o mal a rondar para lá da proteção das nossas grades, e estremeço com um calafrio. Então, ponho-me a imaginar que temos um cão de guarda enorme, a patrulhar o jardim, e só de pensar nisso sinto-me mais segura.

8 DE OUTUBRO DE 1933

Ouve-se bater à porta da rua.
— Quem poderá ser, tão cedo num domingo? — surpreende-se a Mutti.

Alta e graciosa, vestida de *chiffon* cor de pêssego, trota escadas abaixo. Alguns fios de cabelo pretos escapam-se-lhe do coque muito bem composto, e ela prende-os atrás da orelha.

Eu própria me encarrego de entreabrir a porta pesada. Vejo o Walter de pé na soleira, com as mãos nos bolsos. Escancaro a porta, empolgada, e inspiro fundo, na ânsia de me fazer mais alta.

Quando o Walter era um rapazinho, devia parecer um daqueles querubins gorduchos muito louros que pairam entre as nuvens nos quadros que representam Maria e o Menino Jesus. Agora que fez 14 anos, continua a ter o cabelo encaracolado louro e os olhos azuis, mas já não é gorducho, mas alto e esguio como um potro crescido. É um rapaz-homem.

— Karl! — exclama a Mutti. Fica de pé no último degrau das escadas, agarrada à pera de madeira que remata o corrimão, como se tivesse medo de a largar.

— Bom dia, Frau Heinrich — cumprimenta educadamente o Walter, ao franquear a porta aberta. — Vinha perguntar se o Karl estará livre.

— Sobe! — diz o meu irmão, espreitando sorridente do cimo das escadas. — Podemos conversar no meu quarto.

— Olá, Walter — atrevo-me a dizer, finalmente. Ele baixa-se para descalçar os sapatos. Parece que nem reparou em mim. — Achas que depois queres ir ver a casa da árvore? — pergunto, mas ele corre escadas acima para ir ter com o Karl.

O Vati sai do escritório com as mãos nas ancas. Faz um olhar carancudo ao ver o Walter subir.

— Aquele rapaz, outra vez? — resmunga, fitando a Mutti. — Deixa-me adivinhar: não fizeste o que te pedi.

— Vá lá, Franz — suspira a Mutti, com os ombros descaídos e os braços pendentes ao lado do corpo. — Por favor, não vamos voltar ao mesmo.

— Só porque ele um dia salvou... — O Vati olha para mim de soslaio, e percebo que se quer referir ao meu «quase afogamento». — Não gosto nada disto. — Vira-nos costas e bate a porta do escritório com um estrondo.

Eu e a Mutti ficamos espedadas a olhar uma para a outra, sozinhas no corredor. Sinto umas garras invisíveis a percorrerem-me as costas.

— Do que é que o Vati não gosta? — pergunto num sussurro.

A Mutti suspira.

— Vai lavar a cara e as mãos. Hoje vamos visitar o lar dos soldados.

— Mas...

— Só demoramos duas horas. Vai fazer-te bem.

— Mas tenho mesmo de ir?

— Sim, tens — diz ela resolutamente. — O trabalho em prol da comunidade é... é sagrado. Aproxima-nos do Führer. É muito importante olharmos uns pelos outros.

— Preferia ficar a brincar com o Karl e o Walter.

— As meninas — diz a Mutti num tom ríspido — precisam de aprender o que significa *obediência*.

Forma-se-me um nó no estômago enquanto subo as escadas.

O lar dos soldados fica na Hallische Strasse, um pouco recuado em relação à rua. O edifício tem centenas de anos e, outrora, funcionava como hospital; foi cedido para garantir os cuidados aos valentes soldados que ficaram feridos a lutar pela nossa nação: é o Lar dos Heróis. Tem um jardim agradável e um grande terraço de um dos lados, com algumas cadeiras de rodas dispostas em fila. Os homens ficam ali sentados completamente imóveis, virados para o relvado e para os canteiros de flores num mutismo tão absoluto que, por vezes, me pergunto se não terão já morrido sem ninguém dar conta.

A Mutti galga a escadaria da frente e toca à campainha. Somos recebidas por uma enfermeira aprumada que nos acompanha através do

átrio a cheirar a óleo de cedro e lixívia. Diz-me que se chama Lisel. Os cabelos louros espreitam-lhe da touca de enfermagem.

— *Heil* Hitler. Folgo muito em voltar a vê-la, Frau Heinrich — diz ela à minha mãe.

— *Heil* Hitler. Esta é a minha filha Herta.

— Ainda bem que estão aqui as duas. Os nossos pacientes estavam ansiosos pela sua visita, Frau Heinrich.

Seguimos a Lisel por um corredor escuro, passando por uma enfermaria, e eu aproveito para espreitar lá para dentro. Há oito camas de ferro, todas muito bem feitas de lavado, vazias, já que os seus ocupantes, explica a Lisel, estão na sala de dia. Faço por não inspirar fundo; sob o cheiro a lixívia, sente-se o odor entranhado de urina e de algo ainda mais desagradável.

— Alguns dos nossos hóspedes são heróis de guerra, Herta, e não têm família — conta a Lisel. — Merecem um lar adequado onde possam viver os dias que lhes restam com todo o conforto.

— Sim, é claro que merecem — assinto.

— Pois... Mas estamos sempre a precisar de financiamento. É muito complicado... — acrescenta a enfermeira, com o sobrolho franzido.

— Estou a organizar um almoço de angariação de fundos, Lisel — comunica-lhe, entusiasmada, a Mutti. — E o meu marido pode alertar para a vossa situação no *Leipziger*.

A Lisel sorri.

— Temos muita sorte por poder contar com o apoio da tua mãe — diz-me —, que trabalha infatigavelmente em prol dos outros.

Olho de relance para a minha mãe, surpreendida. Para mim, ela é apenas a Mutti, mas agora percebo que é muito mais do que isso.

Na sala de estar encontram-se três velhos soldados, estacionados num semicírculo nas suas cadeiras de rodas de madeira e verga. Já sei que não devia ficar espedada a olhar para eles, mas não consigo evitar. Há um em particular que me provoca suores frios. Desapareceu-lhe metade da cara, e a outra metade parece em carne viva. Tem um pequeno buraco mais ou menos onde devia estar a boca, mas falta-lhe um grande naco da bochecha. Um dos olhos eclipsou-se, ao passo que o outro sobressai orgulhosamente da sua órbita, branco e enevoado. A cara do homem lembra-me os restos despedaçados de um frango meio comido.

O meu estômago revolve-se, e temo que vá vomitar, mas de repente a Mutti agarra-me no braço e puxa-o com força.

Inspiro fundo. Se quero ser médica, não posso ser tão melindrosa.

Por comparação, é muito mais fácil olhar para os outros dois homens: a um faltam-lhe as pernas, das ancas para baixo; ao outro, um braço e uma perna.

Concentro-me na Mutti, ali de pé no meio daquela sala deprimente, rodeada por aquele espetáculo humano de horror, e subitamente ela parece-me a criatura mais bela do mundo. Radiante no seu vestido de *chiffon*, os olhos cintilantes e o sorriso encantador não lhe esmorecem nem um segundo, à medida que espalha uma pincelada de cor pela sala e distribui o seu charme pelos pacientes.

Trazem-nos chá de limão e bolinhos. A Lisel dá de beber ao homem desfigurado através de uma palhinha enfiada no buraco onde devia estar a boca. O líquido esguicha para fora quando ela tira a palhinha e fica a pingar da massa de carne onde devia estar o queixo do homem para a camisa dele. A enfermeira limpa-o com um guardanapo e vem sentar-se ao meu lado.

— O que lhes aconteceu? — pergunto num sussurro.

— Foram feridos por estilhaços. Há alguns em muitíssimo pior estado. — A Lisel hesita um instante. — É uma coisa horrível, a guerra.

— Acho que nunca tinha pensado nisso.

— E porque havias de pensar? És só uma criança. Se calhar podias vir visitar-nos noutra dia e ler-lhe durante um bocadinho. A tua mãe contou-nos que és muitíssimo inteligente. Eles iam adorar ter uma carinha nova e bonita a alegrar o sítio de quando em vez.

Espantada, olho para a Mutti, e ela faz-me um sorriso indulgente. Sou inundada por uma sensação de prazer ao ouvir por interposta pessoa aquele elogio da minha mãe.

— É claro que sim — respondo, do fundo do coração. — Adoraria.

A enfermeira dá-me uma palmadinha no joelho antes de se levantar para limpar novamente a cara do homem desfigurado e oferecer um pouco de água aos outros.

Algum tempo depois, despedimo-nos da Lisel à porta. Eu engulo grandes golfadas de ar fresco e tento resistir ao impulso de largar a correr a toda a pressa.

— Aqueles homens estavam completamente estropiados, Mutti. É horrível.

— E aqueles são os que têm sorte e que estão a ser bem tratados.

Caminhamos devagar, desfrutando do sol vespertino. Tudo o que me rodeia parece mais nítido e mais agradável do que antes. Acho que nunca tinha apreciado o suficiente a beleza dos ramos das árvores, o canto doce dos pássaros ou a perfeição dos meus próprios membros. Percebo agora ainda mais claramente que me quero tornar cirurgiã. Para poder ajudá-los. Prometo esforçar-me ainda mais na escola.

Por favor, Deus, não permitas que haja mais nenhuma guerra. Mantém-nos a salvo, à Mutti, ao Vati, ao Karl e a mim.

— Não vai haver outra guerra, pois não?

— Esperemos que não. Temos a sorte de poder contar com Hitler, que é um grande defensor da paz e só quer a harmonia na Europa. Infelizmente, o mesmo não se pode dizer de outros países. Olha o que eles nos fizeram quando a última guerra acabou: aquelas hediondas indenizações que nos fizeram pagar. Com tantos dos nossos homens mais capazes mutilados, tanto desemprego, tanta pobreza. Fizeram pouco de nós. Quiseram fazer-nos sofrer de propósito, até que nos vimos obrigados a dizer «Acabou!» e a lutar pelo que é legitimamente nosso.

— Mas quem? Quem são *eles*?

— Os nossos inimigos, Hetty. Há muitos que nos querem simplesmente destruir. Querem matar, proibir ou livrar-se daquilo que mais estimamos. Querem destruir o nosso modo de vida.

A minha pele é percorrida por pequeninas garras de pavor.

— Mas quem são esses inimigos?

A Mutti aperta-me a mão.

— Oh, são muitos e dos mais variados, mas é claro que são os judeus que estão por detrás deles todos, na sombra. Querem dominar o mundo e tomá-lo só para eles. Mas escusas de te preocupar, minha querida — diz ela num tom alegre. — Com Hitler ao leme desta nova Alemanha, nada temos a recear. Aqueles que nos querem mal é que vão ficar com as pernas a tremer!

**Uma rapariga alemã. Um rapaz judeu.
Um amor capaz de mudar
tudo aquilo em que sempre acreditámos.**

LEIPZIG, ALEMANHA, DÉCADA DE 1930

Hetty Heinrich é uma jovem que cresceu sob a ideologia nazi, tendo sido educada para ser uma alemã perfeita e venerar Hitler. Como filha obediente de um oficial nazi de alta patente, Hetty anseia por desempenhar o seu papel no glorioso novo Reich. Mas ela nunca imaginou que tudo aquilo em que sempre acreditou entraria em colisão com os sentimentos que lhe desperta Walter, um amigo que no passado lhe salvou a vida. Walter... um judeu...

Percebendo que corre um grande risco, mas incapaz de ignorar o que sente por Walter, Hetty inicia uma relação amorosa secreta, mesmo sabendo que está a cometer o crime grave de profanação racial. Quando descobre que têm vindo a ser observados, Hetty fica confusa e dividida, sem saber em quem confiar ou a quem recorrer. Porém, à medida que a crescente onda de antissemitismo ameaça submergi-los, Hetty e Walter serão forçados a adotar medidas extremas.

Irá a marcha firme das forças do mal destruir o universo de Hetty, ou poderá o amor triunfar?

«Um romance extremamente bem escrito que nos dá a conhecer a ideologia nazi de uma perspetiva pouco familiar: a de uma adolescente alemã envolvida na ascensão do nazismo que vai gradualmente compreendendo a desumanidade impulsionada pelo fanatismo ariano. Isto é ficção histórica no seu melhor!»

Liz Trenow, autora bestseller internacional

TOPSELLER os livros em primeiro lugar 20 20 editora	ISBN 978-989-564-441-4  9 789895 644414 Romance Histórico
--	---